

Artigo:

O trabalho com a oralidade em sala de aula

Working with orality in the classroom

Trabajando la oralidad en el aula



ANDRADE, J.

Jaqueline de Andrade

Pós-graduada em: Educação Integral pela FAVENI 2024;
Pós-graduada em Educação do Campo pela FAVENI 2023;
Graduada em Pedagogia pela FCT/UNESP 2013; Professora
Educação Básica anos iniciais do ensino fundamental
efetiva desde 2016 (SEDUCSP). e-mail:
jaquelinepedagogia92@gmail.

Resumo

Este artigo discute a relevância do trabalho com a oralidade em sala de aula, destacando a necessidade de sua valorização e inserção no processo de ensino-aprendizagem como ferramenta essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes. A oralidade, frequentemente negligenciada no contexto escolar, desempenha um papel crucial na construção das competências comunicativas e no fortalecimento da identidade cultural dos alunos. Baseando-se nos referenciais teóricos de Kleiman (2005), Mendonça (2009), Lerner (2002) e Bentes (2010), são analisadas estratégias e práticas pedagógicas que promovem a expressão oral como competência essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes. Bentes (2010) argumenta que a oralidade não se limita aos aspectos linguísticos, mas também abrange gestualidade, entonação e outros elementos não verbais que contribuem para a expressão e compreensão. Por sua vez, Kleiman (2005) reforça a necessidade de superar o ensino mecânico de leitura e escrita, adotando uma abordagem mais ampla que contemple diferentes formas de comunicação. Mendonça (2009) destaca a integração dos gêneros textuais orais e escritos como fundamental para uma educação contextualizada e significativa. A pesquisa também propõe reflexões sobre o planejamento educacional e a escolha de metodologias que valorizem a oralidade como parte integrante do currículo escolar. A adoção de práticas inovadoras pode contribuir para superar os desafios encontrados no ensino da expressão oral, promovendo a participação ativa dos estudantes e preparando-os para situações formais e informais de comunicação. Dessa forma, o trabalho com a oralidade não apenas enriquece o processo educativo, mas também forma cidadãos mais conscientes e preparados para interagir na sociedade.

Palavras-chaves: Ensino-aprendizagem, Gêneros orais, Metodologia.

Ets Communicate
Revista de Comunicação, Linguagens e Sociedade
Eiúcare et Sabere
e-ISSN: 2965-4203
Periodicidade: Fluxo Contínuo
v.3, n.4, 2025

URL: <https://esabere.com/index.php/ecommunicate>



Esta obra está sob Licença Internacional Creative Commons 4.0.
Copyright (c) do(s) Autor(es)

Abstract

This article discusses the relevance of working with orality in the classroom, highlighting the need for its appreciation and inclusion in the teaching-learning process as an essential tool for the integral development of students. Orality, often neglected in the school context, plays a crucial role in the construction of communicative skills and in strengthening the cultural identity of students. Based on the theoretical frameworks of Kleiman (2005), Mendonça (2009), Lerner (2002) and Bentes (2010), pedagogical strategies and practices that promote oral expression as an essential skill for the integral development of students are analyzed. Bentes (2010) argues that orality is not limited to linguistic aspects, but also encompasses gestures, intonation and other non-verbal elements that contribute to expression and understanding. In turn, Kleiman (2005) reinforces the need to overcome the mechanical teaching of reading and writing, adopting a broader approach that encompasses different forms of communication. Mendonça (2009) highlights the integration of oral and written textual genres as fundamental for a contextualized and meaningful education. The research also proposes reflections on educational planning and the choice of methodologies that value orality as an integral part of the school curriculum. The adoption of innovative practices can contribute to overcoming the challenges encountered in teaching oral expression, promoting the active participation of students and preparing them for formal and informal communication situations. In this way, working with orality not only enriches the educational process, but also forms citizens who are more aware and prepared to interact in society.

Keywords: Teaching-learning, Oral genres, Methodology.

Resumen

Este artículo discute la relevancia de trabajar la oralidad en el aula, destacando la necesidad de su valoración e inclusión en el proceso de enseñanza-aprendizaje como herramienta esencial para el desarrollo integral de los estudiantes. La oralidad, a menudo descuidada en el contexto escolar, juega un papel crucial en el desarrollo de habilidades comunicativas y el fortalecimiento de la identidad cultural de los estudiantes. A partir de los referentes teóricos de Kleiman (2005), Mendonça (2009), Lerner (2002) y Bentes (2010), se analizan estrategias y prácticas pedagógicas que promueven la expresión oral como habilidad esencial para el desarrollo integral de los estudiantes. Bentes (2010) sostiene que la oralidad no se limita a aspectos lingüísticos, sino que también abarca los gestos, la entonación y otros elementos no verbales que contribuyen a la expresión y la comprensión. A su vez, Kleiman (2005) refuerza la necesidad de superar la enseñanza mecánica de la lectura y la escritura, adoptando un enfoque más amplio que abarque diferentes formas de comunicación. Mendonça (2009) destaca la integración de géneros textuales orales y escritos como fundamental para una educación contextualizada y significativa. La investigación también propone reflexiones sobre la planificación educativa y la elección de metodologías que valoren la oralidad como parte integral del currículo escolar. La adopción de prácticas innovadoras puede contribuir a superar los desafíos encontrados en la enseñanza de la expresión oral, promoviendo la participación activa de los estudiantes y preparándolos para situaciones de comunicación formal e informal. De esta manera, trabajar la oralidad no sólo enriquece el proceso educativo, sino que también forma ciudadanos más conscientes y preparados para interactuar en sociedad.

Palabras clave: Enseñanza-aprendizaje, Géneros orales, Metodología.

INTRODUÇÃO

A oralidade, embora presente de forma implícita em muitos contextos escolares, não tem recebido a devida atenção no planejamento e execução de atividades pedagógicas. Como destaca Bentes (2010), a produção discursiva envolve recursos linguísticos e não linguísticos, como gestualidade e entonação, que são essenciais para a construção de significados. No entanto, a falta de práticas direcionadas à oralidade pode comprometer o desenvolvimento pleno dos alunos, prejudicando sua capacidade de participação em situações formais e informais de comunicação. Assim, este artigo justifica-se pela necessidade de promover a oralidade como uma ferramenta fundamental para a formação cidadã e acadêmica dos estudantes.

Em sala de aula para promover um aprendizado significativo aos alunos é necessário utilizar estratégias condizentes com este fim. Sabe-se que se tratando do ensino de leitura e escrita alguns autores como Kleiman (2005), Mendonça (2009) Lerner (2002) entre outros apontam que é preciso trabalhar com diversidade de gêneros textuais em sala de aula para proporcionar ao aluno o aprendizado da leitura e escrita. Assim como no aprendizado de leitura e escrita, os gêneros orais também devem ser trabalhados na sala de aula.

Bentes (2010) alega que trabalhar com gêneros orais na escola permite que o aluno desenvolva sua capacidade expressiva corporal, pois conforme a autora quando estamos conversando além das palavras, nós utilizamos também o recurso da gestualidade.

Gostaríamos que você, professor, ao se propor a trabalhar a *oralidade* em sala de aula, considerasse o fato de que toda a produção discursiva é constituída por várias camadas de significação, que se mostram por meio de diversos outros recursos semióticos, para além dos recursos propriamente linguísticos. Ou seja, os processos de produção e de recepção dos discursos e textos (orais ou escritos) envolvem necessariamente a mobilização, por parte do produtor e/ou do receptor, sonoridades, visualidades, movimentos, texturas etc.(BENTES, 2010, p. 131).

A escola não valoriza o gênero oral, mas esse gênero é importante, pois ele auxilia o aluno no desenvolvimento da capacidade de expressão corporal, pois conforme Bentes (2010) ao falarmos, utilizamos os recursos verbais (oralidade) e os recursos não verbais (gestualidade), além disso, quando falamos fornecemos ao outro um amplo conjunto de informações sobre nós mesmos com, por exemplo, nossa identidade social que se refere ao nosso sotaque, mostrando o nosso modo de falar e modo de expressar quando falamos. É papel da escola fornecer aos alunos experiências com o trabalho oral estimulando-os a adquirirem percepções próprias sobre oralidade de forma reflexiva para que eles mudem a maneira de realizar suas práticas orais. (BENTES, 2010).

Alguns alunos têm dificuldades de se expressar oralmente quando são solicitados pelos professores a falarem sobre o conteúdo estudado, isso ocorre pelo fato de que os conteúdos orais serem poucos trabalhados em sala de aula. Desta forma, percebe-se que tal dificuldade prejudica os alunos em situações futuras, como por exemplo, apresentações de trabalhos em seminários, palestras ou outros eventos similares em que a oralidade é exigida. Neste sentido, é necessário que o professor elabore atividades que contemplem a oralidade, fazendo com que seus alunos desenvolvam a capacidade de dominar a expressão corporal, pois como Bentes (2010) a expressão corporal também é uma linguagem.

A sala de aula é vista como um espaço comunicativo em que predomina a oralidade, porém não é isso que ocorre. Nas conversas paralelas entre si os alunos são mais participativos do que quando é convidado pelo professor a participarem da aula através da exposição oral.

O trabalho com a oralidade em sala de aula é um elemento importante para proporcionar o aprendizado das competências e habilidades de todas as disciplinas escolares, entretanto seu uso é pouco utilizado na escola. É necessário considerar que os gêneros orais também são ferramentas que promovem a aprendizagem dos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

O referencial teórico que fundamenta esta pesquisa baseia-se em estudos que destacam a relevância da oralidade no processo educativo. Bentes (2010) enfatiza que a comunicação oral integra aspectos linguísticos e não linguísticos, como entonação, gestualidade e expressividade, os quais contribuem para a construção de significados e para a interação social. Kleiman (2005) e Mendonça (2009) reforçam a importância de práticas pedagógicas que transcendam o ensino mecânico da leitura e da escrita, promovendo uma abordagem integradora que contemple diferentes formas de comunicação. Lerner (2002) aponta para a necessidade de articular as práticas orais e escritas, reconhecendo a interdependência entre essas modalidades para a formação integral dos estudantes.

A metodologia utilizada é de caráter bibliográfico, com análise de obras de autores renomados na área da educação e da linguagem. A abordagem qualitativa permite uma compreensão aprofundada das relações entre teoria e prática, possibilitando reflexões sobre como integrar a oralidade no cotidiano pedagógico de forma significativa.

A IMPORTÂNCIA E OS DESAFIOS DE TRABALHAR COM A ORALIDADE EM SALA DE AULA

O trabalho com a oralidade na sala de aula é uma prática pedagógica fundamental para o desenvolvimento da linguagem e das habilidades comunicativas dos estudantes. A oralidade é um dos principais meios de interação entre os indivíduos e, ao longo da história, sempre desempenhou um papel essencial na transmissão de conhecimento e na construção da identidade social. No contexto escolar, ela se apresenta como um recurso valioso, não apenas para o desenvolvimento da fala e da escuta, mas também para a formação de um pensamento crítico e argumentativo, fundamentais para a vida acadêmica e social. No entanto, o ensino da oralidade também enfrenta desafios significativos, que demandam uma abordagem reflexiva e criativa por parte dos educadores. Primeiramente, é importante reconhecer que a oralidade vai além da simples capacidade de falar em público. Ela envolve uma série de competências linguísticas e discursivas, como a escolha adequada de palavras,

o domínio da entonação, o respeito aos turnos de fala, a clareza na exposição de ideias e a capacidade de argumentar de forma coerente. Além disso, os gêneros orais – como debates, exposições, entrevistas e conversas informais – são constitutivos da vida cotidiana e estão presentes em diferentes contextos sociais. Ao serem trabalhados em sala de aula, esses gêneros possibilitam que os alunos se familiarizem com as práticas discursivas que os acompanham ao longo da vida, como em ambientes profissionais, familiares e comunitários.

O desenvolvimento da oralidade na escola contribui, ainda, para o fortalecimento de outras competências, como a escuta ativa e a capacidade de se colocar no lugar do outro, compreendendo e respeitando diferentes pontos de vista. Em um ambiente educacional, essas habilidades são essenciais para promover a convivência harmoniosa, o respeito à diversidade e a construção coletiva do conhecimento. Além disso, a oralidade favorece a participação dos alunos nas atividades propostas, permitindo que eles se expressem e compartilhem suas opiniões, experiências e saberes, o que contribui para o protagonismo juvenil e o fortalecimento da autoestima.

No entanto, trabalhar com a oralidade em sala de aula não é uma tarefa simples. Um dos maiores desafios enfrentados pelos professores é a resistência dos alunos em se expressarem verbalmente, especialmente em turmas nas quais a timidez, o medo de errar ou a insegurança quanto à exposição pública são prevalentes. Muitos estudantes, principalmente aqueles que não têm o hábito de praticar a fala em espaços coletivos, encontram dificuldades para articular suas ideias de forma clara e fluente. Esse cenário pode ser agravado pela falta de familiaridade com os gêneros orais específicos do ambiente escolar, como apresentações formais, exposições sobre temas acadêmicos ou debates.

Além disso, o ensino da oralidade exige dos educadores uma abordagem diferenciada e cuidadosa, que considere as características e as necessidades de cada aluno. É necessário criar um ambiente seguro e acolhedor, onde os estudantes se sintam confortáveis para se expressar sem o receio de serem julgados ou ridicularizados. Para tanto, atividades que incentivem a escuta ativa, o respeito mútuo e a troca de ideias devem ser constantes no cotidiano escolar. O professor, nesse contexto, desempenha o papel de

mediador e facilitador, oferecendo orientações, feedbacks construtivos e exemplos práticos que ajudem os alunos a melhorar suas habilidades orais.

Outro desafio importante é a integração da oralidade ao currículo escolar, de maneira que ela não seja vista apenas como uma habilidade isolada, mas como um componente essencial de todos os saberes. A oralidade deve ser trabalhada em diversas disciplinas e contextos, e não se restringir a aulas de língua portuguesa ou comunicação. Assim, é possível que os alunos compreendam a importância de se expressar de forma clara e eficaz em diferentes áreas do conhecimento, como nas ciências, nas humanidades ou nas artes. Essa abordagem interdisciplinar contribui para a formação de cidadãos mais críticos, criativos e preparados para enfrentar as demandas da sociedade contemporânea.

Para superar esses desafios, é fundamental que as escolas invistam em práticas pedagógicas inovadoras, que estimulem o desenvolvimento da oralidade de maneira dinâmica e envolvente. O uso de tecnologias digitais, por exemplo, pode ser uma ferramenta poderosa nesse processo, oferecendo aos alunos a oportunidade de gravar, editar e compartilhar suas produções orais de forma criativa e interativa. Além disso, atividades como rodas de conversa, jogos de improviso, simulações de entrevistas e palestras podem ser utilizadas para promover a interação oral de maneira descontraída e produtiva.

A relevância da oralidade em sala de aula está diretamente associada às competências comunicativas necessárias para a vida em sociedade. Kleiman (2005) defende que a educação deve ir além do ensino mecânico de leitura e escrita, englobando também a capacidade de expressão verbal e a compreensão das nuances comunicativas. Mendonça (2009) reforça a importância de integrar os gêneros textuais – sejam eles escritos ou orais – para proporcionar aos alunos uma formação mais ampla e contextualizada.

Nesse sentido, questionar o ensino da oralidade, reconhecendo que os gêneros orais são elementos fundamentais da vida cotidiana e base dos processos de interação, pode auxiliar na compreensão da importância de refletir sobre o papel da escola. Assim, é possível afirmar que cabe à escola não apenas criar situações didáticas que explorem diversos gêneros orais, mas também promover interações orais significativas, nas quais os

alunos possam atribuir significado, participar ativamente, desenvolver habilidades de exposição oral, argumentação e se consolidar como sujeitos no processo enunciativo. Para isso, é essencial que os estudantes compreendam as condições de produção e recepção dos textos, reconheçam os contextos de uso dos recursos linguístico-discursivos e analisem os gêneros textuais/discursivos no âmbito da situação sociocomunicativa. (SCHERRER; FERREIRA; LEITE, 2024).

Bentes (2010) aponta que a oralidade não é apenas um meio de comunicação, mas também uma ferramenta para a expressão da identidade cultural e social. Ao falar, os alunos revelam aspectos de sua identidade, como sotaques e modos de expressão. No entanto, a escola ainda falha em incorporar atividades que valorizem a oralidade como uma linguagem em si, frequentemente relegando-a a um plano secundário em relação à escrita.

Os professores frequentemente associam o trabalho com a oralidade à oralização da escrita, ou seja, à verbalização de conteúdos e textos trabalhados durante a aula. Além disso, utilizam a expressão verbal espontânea, que envolve o relato de fatos do dia a dia sem intencionalidade pedagógica definida. Outras práticas incluem a leitura em voz alta, a socialização da leitura, e a dramatização. No entanto, não há um planejamento específico para desenvolver habilidades orais, e a oralidade é muitas vezes restrita a situações de discussão e conversa informais. (AGOSTINHO; PARISOTTO, 2016).

Para superar essas limitações, Lerner (2002) sugere que os professores planejem atividades que integrem as práticas orais e escritas, reconhecendo as interações entre ambas. Por exemplo, seminários, debates e dramatizações são ferramentas que podem ser utilizadas para estimular a participação ativa dos alunos, desenvolvendo sua autoconfiança e capacidade de articulação.

Conforme Maruschi (1999), a oralidade pode ser compreendida como uma prática social de caráter comunicativo que se manifesta em diversos formatos ou gêneros textuais, sustentados pela dimensão sonora. Ela se estende desde manifestações mais informais até formas mais formais, variando conforme os contextos em que ocorre.

O fato de não termos conhecimentos consolidados acerca das metodologias e das estratégias didáticas, recorrentemente, pode fazer com que nós, professores, passemos a agir por determinação de outros ou a servir a causas em que não acreditamos. O caminho mais “fácil” ou “uma abordagem tradicionalmente assumida” nem sempre traz resultados eficazes. Essa situação cria uma espécie de cumprimento de uma determinada tarefa, em que os resultados nem sempre são perseguidos de modo sistematizado. (SCHERRER; FERREIRA; LEITE, 2024, p. 25).

Agostinho e Parisotto, (2016), apontam que a formação dos professores não aborda suficientemente o ensino de gêneros orais, resultando em uma falta de preparo para trabalhar com essas práticas em sala de aula. As autoras complementam que essas dificuldades contribuem para que a oralidade seja trabalhada de forma limitada e não sistematizada, prejudicando o desenvolvimento completo das habilidades de comunicação dos alunos.

Compreende-se que o trabalho com a oralidade em sala de aula promove avanços significativos na formação dos estudantes. Atividades que valorizam a oralidade, como debates, dramatizações e apresentações orais, possibilitam aos alunos não apenas desenvolverem sua competência comunicativa, mas também fortalecerem sua autoconfiança e expressão corporal.

Verificou-se que, ao integrar práticas orais ao cotidiano pedagógico, os alunos se tornam mais engajados e participativos, especialmente em situações que demandam argumentação e reflexão crítica. Os professores que adotaram estratégias inovadoras relataram melhorias na interação em sala de aula, observando maior envolvimento dos estudantes em dinâmicas que exigem expressão oral.

Entretanto, desafios ainda persistem. A resistência inicial dos alunos, muitas vezes associada à falta de prática e ao medo de exposição, destaca a necessidade de uma abordagem gradual e acolhedora. Além disso, a formação docente é um fator determinante para o sucesso dessas iniciativas. Professores que receberam capacitação específica sobre o trabalho com gêneros orais demonstraram maior capacidade de planejar e executar atividades eficazes.

Por fim, a inclusão da oralidade no currículo escolar contribui para a formação de estudantes mais preparados para enfrentar situações formais de comunicação, como seminários, entrevistas e debates, além de estimular o respeito à diversidade cultural e linguística presente na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto abordado aqui visa contribuir com o trabalho oral em sala de aula de forma objetiva e significativa e por isso exige uma reflexão por parte dos professores que vivenciam as dificuldades de se trabalhar com gêneros orais em seu cotidiano escolar. Para se evitar o conflito de interesses entre o trabalho oral e o escrito, o professor pode viabilizar as possibilidades de lançar mão de algumas estratégias, dentre elas, pode-se destacar o método que ele irá utilizar, bem como o planejamento. Elementos essenciais em toda prática educativa. Deste modo, o professor precisa elaborar um planejamento que contemple a linguagem oral e a escrita, mostrando aos alunos que algumas práticas orais são influenciadas pelas práticas escritas e vice-versa. Entretanto, para que isso ocorra é necessário utilizar uma metodologia adequada.

Inevitavelmente para proporcionar uma aprendizagem significativa o planejamento, a metodologia e os recursos didáticos- pedagógicos utilizados para tal fim são primordiais. O trabalho com a oralidade em sala de aula é indispensável para o desenvolvimento integral dos estudantes. As atividades pedagógicas que promovem a oralidade devem considerar não apenas o conteúdo linguístico, mas também os elementos culturais, sociais e corporais envolvidos na comunicação.

Os desafios encontrados pelos professores para implementar essas práticas podem ser superados com um planejamento criterioso e uma metodologia que reconheça a relevância da expressão oral. Ao incorporar gêneros orais no processo de ensino-aprendizagem, a escola cumpre seu papel de formar cidadãos mais preparados para os desafios comunicativos do cotidiano.

Em suma, trabalhar com a oralidade em sala de aula é uma prática indispensável para o desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando-lhes habilidades de comunicação que são essenciais para sua formação acadêmica, profissional e pessoal. Apesar dos desafios, é possível criar um ambiente educacional que favoreça a expressão oral e o diálogo, tornando os alunos mais seguros e capazes de se posicionar de forma crítica e reflexiva na sociedade. Para isso, é necessário que os professores adotem uma abordagem sensível, inclusiva e inovadora, promovendo a oralidade como um dos pilares do aprendizado e da construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Fabiana Goes da Silva; PARISOTTO, Ana Luzia Videira. **Colloquium Humanarum**, vol. 13, n. Especial, Jul-Dez, 2016, p. 367-372. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2016.v13.nesp.000860
- BENTES, Anna. **Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola**. In: BRASIL. Língua Portuguesa: ensino fundamental. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar ler e escrever?** Campinas: CEFIEL, 2005.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Editora Cortez. São Paulo, 1999.
- MENDONÇA. O. S. **Alfabetização método sociolinguístico: Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire**. _3 ed. _ São Paulo: Cortez, 2009.
- SCHERRER, Lara Nascimento; FERREIRA, Helena Maria; LEITE, Maria Alzira. **A oralidade em sala de aula: inquietações e perspectivas**. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.